

JOSÉ NÊUMANNE PINTO

"A política", disse Bismarck em 1863, "não é uma ciência exata, como imaginam muitos dos senhores professores, mas uma arte." A frase do construtor da unidade alemã continua a valer hoje, em plena revolução da informática, como era válida há 125 anos. Conduzir os destinos da sociedade envolve, às vezes, muito mais sensibilidade do que cálculos precisos. Na gestão dos negócios do Estado há momentos em que a capacidade de intuir, de imaginar ou de usar tem efeito mais benéfico e duradouro do que a competência para somar, medir ou diagnosticar.

Se não bastassem tantos exemplos dados pela História, esta semana aconteceu um episódio capaz, por si só, de justificar a sabedoria da máxima do estadista prussiano. Que outra explicação, além dos labirintos sedutores da arte em contrapartida aos áridos corredores da ciência, poderia ser dada para o desastre político provocado pelo correto discurso do presidente da República e para o estrondoso sucesso da bem construída falácia com que o presidente da Constituinte e do PMDB lhe respondeu um dia depois? Somente o capricho das circunstâncias, com a marca de seu peso, pode ter a dimensão necessária para englobar os motivos de tal contradição: ao falar a verdade, no momento errado, sem a credibilidade exigida e num tom de nervosa exigência, José Sarney deu a Ulysses

Guimarães a oportunidade de que ele precisava para ressurgir em cena, e como protagonista.

Em política, como já se sabia no século passado, não basta colecionar argumentos. Por ser arte, a atividade política exige de seu agente uma fina sintonia com a múltipla realidade social, de tal forma que os argumentos sejam apresentados no momento certo, no tom exato e dentro da embalagem mais adequada. Uma leitura atenta e fria dos discursos de Sarney, na terça-feira, e de Ulysses anteontem, dará a impressão de que o primeiro, por sensato, teria tudo para ser convincente, enquanto o segundo, por demagógico e vazio, apoiado apenas na frágil estrutura da semântica do desejo, conseguiria somente o efeito efêmero de fogo de palha.

Os aplausos recebidos pelo presidente da Constituinte em plenário e a votação posterior — que garantiu 403 votos à aprovação do texto examinado em primeiro turno — deixaram claro que as circunstâncias em torno do pronunciamento de Sarney tiveram mais força do que seu rosário de argumentos incontestáveis. Tais circunstâncias são óbvias: o apelo em tom emocional feito depois da longa omissão no processo de primeiro turno, quando o governo se limitou a garantir sua permanência por mais um ano; a gestão deficiente dos negócios públicos, com congelamento de preços e moratória da dívida externa; e a crítica a dispositivos tidos como garantes da

justiça social num ambiente de injustiças gritantes.

O tom empregado pelo presidente da República no pronunciamento de terça-feira pela TV, entre a súplia desesperada e o alerta autoritário, provocou, contudo, o efeito mais nocivo. Veterano parlamentar, José Sarney poderia ter previsto que, ao pôr, usando um Poder, outro Poder contra a parede, ele certamente acirrará seu espírito de corpo, acionando todos os seus mecanismos de defesa. Na arte da política, muitas vezes a forma pode ser mais importante do que o conteúdo. Foi isso o que aconteceu esta semana. Sarney acertou no contexto e errou no texto. Os aplausos para a arenga demagógica de Ulysses são muito menos daqueles que concordam com seus argumentos do que dos que não acetam interferências externas na gestão de seu próprio Poder. Os anticorpos da Constituinte aplaudiram Ulysses para expelir o elemento estranho que o discurso presidencial ameaçava introduzir em seu organismo.

Político hábil, Ulysses Guimarães jamais deixaria de aproveitar uma oportunidade dessas. Assim, no foguetis do espírito de corps constituinte, o deputado atrelou o satélite de suas aspirações presidenciais, agora movido por combustível novo. Não será exagerado concluir que, com sua intervenção pública de anteontem, o presidente Sarney tenha

espalhado obstáculos na pista a caminho do Planalto de seus amigos e fiéis servidores Orestes Quércia e Newton Cardoso, principais beneficiários do ostracismo do presidente do PMDB. Com a ressurreição do dr. Ulysses, não cabe dúvida de que ele volta a ser — apesar de todo o desgaste provocado por sua atuação nas trapalhadas promovidas pelo Congresso Constituinte — um peso ponderável na luta interna para a escolha do candidato do partido majoritário da Nova República à sucessão de José Sarney.

O sucesso do discurso de Ulysses não pode ser considerado combustível suficiente para manter seu satélite no ar até as eleições de novembro de 1989. Basta lembrar o fugaz e idêntico êxito obtido pelo senador Mário Covas, que conquistou a liderança da bancada majoritária na Constituinte sob o calor da aprovação da platéia e, depois, perdeu altura no voo, voltando à planície. De qualquer forma, o impulso dado por Sarney à candidatura de Ulysses acabou sendo forte, até porque o veterano líder estava no limbo. Na arte da política acontecem coisas assim: além de não provocar a consequência esperada o discurso de Sarney teve um efeito colateral indesejável para ele. Ao dr. Ulysses, então, as batatas, como diria Machado de Assis.

José Nêumanne Pinto é editor de Política do Estado.